

Oficinas de Criatividade: Adolescentes de Orfanato Aprendendo Novos Contatos Consigo e com o Mundo

Dilaina Paula dos Santos – UNESP

Resumo:

Projeto realizado com os adolescentes da Instituição Casa do Amparo como o objetivo de promover um bem estar maior entre eles. Esses adolescentes tiveram muitas experiências de agressões, violência e abandono em suas vidas, o que os levou a terem dificuldades de contato real consigo e com o outro.

A esses adolescentes não são oferecidas muitas oportunidades para se expressarem e buscarem novos e saudáveis contatos na percepção de si e do outro, tampouco a possibilidade de realizar algo que realmente faça sentido para eles, na busca da autonomia e da alteridade, aprendendo de forma significativa as responsabilidades de cidadãos.

A proposta com Oficinas Criativas visa ampliar as experiências dos adolescentes a partir da elaboração e criação plástica, para que sejam encontradas diferentes maneiras de lidar com as situações que os afligem. Visa também o compartilhar das experiências, promovendo assim novas formas de relação consigo, com o outro e com o mundo.

Relato:

Esta trabalho nasceu em 2000 visando uma proposta de estágio para ser desenvolvida para o curso de Especialização em Arte Terapia do Instituto Sedes Sapientiae. Se estendeu por 2001 e continua atualmente, com mudanças nas propostas conforme a demanda que foi surgindo.

Venho de uma formação de Graduação em Artes Plásticas e trabalhei muitos anos como arte educadora de escola particular de São Paulo onde observei a importância do espaço de expressão para as crianças e adolescentes em seu desenvolvimento intelectual e social. Depois fiz a Especialização em Psicopedagogia, afim de trabalhar mais especificamente com os processos de aprendizagem. Neste novo recorte educativo, continuei trabalhando com as linguagens expressivas, já que estas facilitavam os processos de aprendizagem e de comunicação das crianças e adolescentes. Resolvi me

aprofundar no estudo dos processos terapêuticos desencadeados pela Arte, foi aí que ingressei na Arte Terapia.

A proposta de estágio sugerida pelo Instituto Sedes Sapientiae era de um trabalho com grupos de pessoas fossem elas crianças, adolescentes, adultos ou terceira idade, que necessitassem de atendimentos para melhoria de algum aspecto em sua qualidade de vida e onde a arte desempenhasse um papel importante, facilitando processos. O projeto teria um fim social por se tratar de pessoas com dificuldade para assumir o pagamento de um trabalho terapêutico.

Levando em conta a minha formação e experiência profissional, pensei que um trabalho de Oficinas Criativas com adolescentes propiciaria uma maior expressão, o que os auxiliaria a entrar em contato com as questões pessoais e grupais. A ampliação do potencial criativo proporcionaria uma flexibilidade interna na busca de novos recursos para lidar com as dificuldades.

Tinha conhecimento de uma instituição nas Perdizes, região de minha oficina de psicopedagogia, que abrigava crianças e adolescentes retiradas de suas famílias (Casa do Amparo). Entrei em contato com os responsáveis e fui elaborando o projeto.

A escolha dos adolescentes que iriam participar do grupo, partiu de uma conversa com a educadora da instituição que, ao entender a proposta, analisou as dificuldades dos adolescentes da casa e sugeriu que 7 fizessem parte do trabalho, o que me fez pensar em dois grupos.

Os adolescentes dessa instituição foram retirados de suas famílias, alguns por sofrerem agressões e abusos sexuais, outros porque os pais estavam presos. Permanecem na instituição enquanto seus pais não tem condições legais de assumi-los, ou até completarem 18 anos. A adoção também é possível, mas muito difícil de ser realizada, pela idade das crianças e por estarem junto dos irmãos. Os jovens são abrigados na Casa e recebem alimentação e produtos para suas necessidades pessoais e escolares, assim como assistência médica e de outros profissionais da saúde. Estudam em escolas públicas próximas à moradia, alguns deles fazem reforço escolar, atendimento psicopedagógico, psicológico e esportes. Um juiz recebe relatórios sobre cada um, assim como teste de HIV que é realizado periodicamente em alguns casos.

A maior parte tem irmão ou irmã nessa instituição e já passou por outras, mas todos já estavam algum tempo nesse orfanato, que também teve uma história bastante complicada: passou por diferentes administradores, educadores, voluntários, esteve instalado em diferentes lugares.

A Casa foi fundada por um centro espírita, mas hoje é coordenada por um casal. Não recebe nenhum tipo de ajuda do governo e sim doações de amigos e sócios. Atualmente a Casa tem 12 jovens (entre crianças e adolescentes) e conta com 3 funcionárias que residem na mesma.

Nas anamneses que realizei com os responsáveis pelos adolescentes, constatei que a história de perda deles era muito grande, quando começavam a se vincular a alguém, esse alguém ia embora.

As questões mais relevantes apresentadas nas anamneses eram de dificuldades escolares, dificuldades em se relacionar e não envolvimento em atividades.

Muitas dos adolescentes que sofreram agressões e abusos por parte dos pais, trazem consigo traumas e um sofrimento difícil de ser lidado. A noção que tem de amor e apego fica muito fragilizada, alguns deles fogem da realidade criando fantasias para se refugiarem, outros ficam remoendo o que lhes aconteceu, se amargurando pela vida. Tanto naqueles que se refugiam como naqueles que se amarguram, o sofrimento continua lá, difícil de ser olhado, mas invadindo espaços maiores que continuam fazendo sofrer.

Esses adolescentes precisam se fortalecer interiormente para poderem olhar para aquilo que dói, de um jeito que doa menos. Quando se expressa plasticamente essas dificuldades, é possível que sejam vistas sobre um novo ângulo, facilitando entrar em contato com suas questões de uma forma mais tranqüila e segura.

A Arte-terapia possibilita a ampliação de experiências de contato, de relação consigo e com o outro, possibilidades tão necessária para qualquer pessoa, e, em particular para essas que possuem um ego tão frágil, que precisam confiar em si mesmas para descobrirem seu próprio valor, para descobrirem seu jeito próprio de lidar com as situações e com os sentimentos.

O jeito de lidar é próprio, pois a vivência é única: é decorrente dos processos que também são únicos. Esse processo vivencial é único sim, mas tem muitas coisas em comum, por isso a importância de serem compartilhados, onde a experiência de um, amplia

a do outro, onde se aprende com o outro e se ensina o outro (quando escuto o sofrimento do outro não me sinto tão sozinho, quando vejo a maneira que o outro lidou com as coisas dele, amplio minhas perspectivas de lidar com as minhas).

Adolescentes sentem mudanças no seu corpo, no seu modo de agir, nos pensamentos, sentem necessidade de contar sobre essa turbulência de sentimentos para poderem nomeá-los, discriminá-los, entendê-los. Os jovens que já trazem em si dificuldades além das normais que acontecem nessa fase da vida, mostram uma necessidade ainda maior de acompanhamento, pois os sentimentos se misturam muito, aparecendo culpa, negação e menos valia. Quando esses sentimentos são compartilhados, os jovens se sentem identificados, cria-se uma cumplicidade saudável tão buscada nessa fase.

A história desses jovens precisa ser reconstruída a partir das novas vivências, não excluindo àquelas que já tiveram, pois fazem parte de cada um.

Diante desse quadro, a proposta de oficinas que sugeri tinha o objetivo de trazê-los presentes em atividades que fossem realmente significativas para eles, onde pudessem experimentar diferentes formas de “fazer” e de criar, através da linguagem expressiva. Imaginei que isso traria prazer e envolvimento, auxiliando-os a se conectar com eles próprios. Estes novos jeitos de contato consigo mesmos e com sua expressão plástica, facilitaria diferentes e criativos jeitos de serem e estarem no mundo. Um espaço de expressão de seus sentimentos e pensamentos e que suas questões pessoais, assim como diferentes formas de agir frente a elas, pudessem ser vistas por eles e compartilhadas de diversas maneiras.

Um dos grupos foi formado por 4 meninas com idade de 13 a 17 anos e o outro por duas meninas e um menino com idades de 12 a 16 anos.

A formação dos grupos se deu pelo horário em que frequentavam a escola, sendo um grupo trabalhado pela manhã e outro pela tarde, as sessões aconteciam uma vez por semana com cada grupo, durando 1:30 hs. cada.

O trabalho acontecia na minha oficina psicopedagógica, já que era um local sem interferências e adequado a propostas de artes.

Comecei a conhecê-los em um primeiro contato individual para saber quais eram as suas expectativas, para explicar a proposta e para saber da disponibilidade interna para fazerem parte do grupo.

Inicialmente, sugeri algumas atividades plásticas individuais para poder conhecê-los um pouco e verificar a adequação ao trabalho e ao grupo. Já neste momento me deparei adolescentes muito sofridos, com dificuldade em se expressar, com baixa auto-estima, achando “feio” o que faziam, com receio de explorar o novo.

Eles demonstravam dificuldades em formar vínculos, em se exporem, e se mostravam desconfiados. Eram pessoas que estavam se enrijecendo para se protegerem de mais frustrações e sofrimentos. Eles não tinham estrutura interna para lidar com suas realidades, e se refugiavam em fantasias.

O refugiar-se em fantasias é saudável quando a pessoa consegue voltar e enfrentar a realidade, mas pode ser bastante perigoso quando isso não acontece, pois as pessoas passam a não diferenciar mais o que é real e o que não é. Além disso, esse refúgio acaba por atrapalhar a vida escolar e social da criança e do adolescente, que não conseguem estar presentes nas situações de aprendizagem e de convívio.

Então teriam que reconstruir essa estrutura de forma mais flexível para que não precisassem se enrijecer, por isso a proposta com trabalhos expressivos.

As propostas se iniciaram com suas apresentações através trabalho plástico em que individualmente eles organizavam recortes de revistas de coisas que eles gostavam: objetos, esportes, personagens, etc.

Isso possibilitou uma maior integração entre os componentes do grupo, pois nesse momento, tiveram a oportunidade de conhecerem mais uns aos outros.

Seguiram-se atividades de pintura, modelagem e recorte e colagem, explorando os materiais e suas possibilidades na busca de uma expressão criativa.

As propostas partiam de vivências corporais que se expandiam para a plástica, como por exemplo a da maquiagem, em que eles foram percebendo os seus próprios rostos pelo toque da mão e depois foram inserindo neles contornos e cores. Essas dinâmicas propiciaram um entrar em contato com seu próprio corpo de uma forma lúdica, já que muitos tinham muita dificuldade em manter esse contato de qualquer outra forma.

No decorrer do trabalho, os adolescentes foram ampliando seu repertório de imagens, que a princípio parecia bem limitado, começaram a gostar do que faziam se mostrando mais confiantes. Começaram também a relatar algumas coisas que os incomodava e tentávamos juntos buscar alternativas para elas.

O trabalho de estágio teve um ano de duração. Em reuniões com os dirigentes da Casa, ficou clara uma preocupação com o futuro daqueles adolescentes, pois atingindo a maioria teriam que deixar a instituição e se auto sustentarem. Era nítido o investimento dos dirigentes na educação, para que eles pudessem desenvolver suas competências e se estabelecessem como cidadãos. Para tal, eles precisavam valorizar aquilo que faziam e se sentir valorizados pelo olhar do outro. Além disso, necessitavam se envolver com algum projeto, assumindo responsabilidades e aprendendo pelo exercício do fazer, algumas atitudes fundamentais de qualquer atividade profissional . Acredito que o ser humano só se torna responsável por aquilo que faz, quando se sente parte integrante do fazer.

Infelizmente estamos nos deparando com um mundo cada vez mais descartável, onde as relações das pessoas com o que fazem em seu dia a dia é superficial. O mecânico do fazer não traz a plenitude do humano, em seus aspectos afetivos, cognitivos e sensoriais; uma plenitude de viver o “aqui e agora” da existência. Não há envolvimento. Aquilo que é feito mecanicamente é desconectado daquilo que pensamos, daquilo que sentimos. Este fazer não tem sentido, pois nada se realiza, nada se cria.

... um ser humano é reduzido ao ter que gastar um dia inteirinho de vida “apertando o parafuso” de uma engrenagem da qual ele desconhece o mecanismo... uma engrenagem sobre a qual ele nunca vai opinar; não vai ter a chance de assumir responsabilidade intelectual pelo “parafuso” que aperta... E assim, esvaziado de uma responsabilidade, de uma ligação com o trabalho que realiza, o imenso potencial do ser humano se frustra (Bojunga, 1999, p.54).

Refletindo sobre essa necessidade dos adolescentes, de estarem conectados com o seu fazer, compreendendo que além de experimentações, algumas técnicas também eram necessárias para o desenvolvimento de projetos, fui convidada a desenvolver com os eles uma proposta de atividades plásticas que poderiam ser vendáveis e onde eles aprendessem alguns processos para utilizá-los futuramente. Esse projeto começou no início de 2001 e continua atualmente. Recebo uma ajuda de custo para gastos principalmente com materiais.

O objetivo dessas oficinas é de trabalhar o processo expressivo de cada um, sem deixar de visualizar o produto, para que os adolescentes se sintam autores da sua própria criação e produtores de algo que possa vir a ter um valor rentável.

As oficinas sempre se iniciam com exploração dos materiais. As técnicas são trabalhadas para a obtenção de bons resultados, com incentivo para exploração de outras possibilidades que podem ou não ter um bom resultado para ser vendável, mas que só saberemos a partir da experiência.

As noções estéticas estão sendo construídas ao longo do processo com a apreciação dos trabalhos realizados, de outros trabalhos de artesãos e de obras de Arte.

Novamente formamos dois grupos, as meninas do ano anterior continuavam nos grupos e mais 2 haviam entrado, sendo que o menino não estava encontrando mais espaço no meio das meninas e resolveu não participar. Formamos então 2 grupos, com 4 meninas em cada um.

Começamos trabalhando com oficinas de papel artesanal, experimentando diferentes cores e tipos de papeis. Essa atividade possibilitou um reconstruir sobre algo que parecia inutilizado, e uma maior consciência do papel de responsáveis pelo mundo que cada um exerce. Conversamos também sobre os acontecimentos da vida que podem ser resgatados.

Após essa atividade, houve um pedido por parte das meninas de trabalharmos com desenho e pintura, fizemos então vários moldes vazados que foram impressos inicialmente em panos e camisetas. O interessante dessa atividade foi que elas trocaram os moldes entre si ampliando seus trabalhos com outros elementos.

Seguimos com a oficina de velas que se iniciou com uma exploração do elemento cera de diversas formas: pingando vela em água, em papel, derretendo giz de cera e pintando. Essas atividades possibilitaram verificar o funcionamento do material, suas possibilidades e limitações, além de recursos que poderiam utilizar na feitura das velas. Depois fizemos velas de parafina de vários jeitos: colorindo a parafina, esculpindo as velas, pintando-as, colocando elementos dentro. Foram feitas também velas em gel.

A renda arrecadada com a venda das velas foi revertida para a compra de um fogareiro e de materiais como fôrmas e parafina para que pudessem continuar desenvolvendo a proposta na instituição. A compra do material foi acompanhada por mim.

Nas férias de dezembro e janeiro elas confeccionaram algumas velas, mas expressaram a dificuldade em encontrar lugares na Casa para as colocarem, já que em alguns locais ficavam de fácil acesso às crianças pequenas que vinham as destruindo. Sobre essa dificuldade, ainda estamos procurando solucionar.

Essas propostas realizadas em 2001 tiveram o apoio de alguns adultos que acompanhavam o trabalho e valorizaram-no apreciando e comprando os objetos confeccionados.

Em conversas com os dirigentes da instituição, achamos que o trabalho havia valido a pena e decidimos continuar em 2002.

Duas das meninas haviam saído da instituição e uma decidiu não mais participar, formamos então um grupo com 5 meninas, que continuam até hoje.

No início do ano um novo pedido para se trabalhar com desenho e pintura, sugeri pintura em vidros, já que este era um material fácil de ser conseguido. Fizemos primeiramente alguns desenhos de observação de natureza morta para ampliar o repertório compositivo, depois trabalhamos com o vitral e pintura em vidros para recipientes. As experiências variaram entre os contornos, as cores, as formas e a transparência.

Atualmente estamos trabalhando com mosaicos onde cada uma realizou um desenho em placa de madeira, quebrou peças de azulejo e remontou-as em seu desenho.

Refletindo sobre estes quase 3 anos de trabalho com esse adolescentes tenho percebido que meu espaço psicopedagógico tem funcionado como um laboratório, pois ali experimentamos juntos, acertamos, erramos... aprendemos que podemos errar e acertar... Isso tudo num ambiente seguro, que oferece suporte para novos contatos no dia-a-dia. Esses adolescentes estão aprendendo a negociar, a buscar o que querem trabalhando para isso, a gostarem mais de si pelo que expressam de si.

Isso tudo só pôde ser possível pelo vínculo afetivo que estabeleceram comigo, com as propostas, e, principalmente, com eles próprios.

Bibliografia:

ALLESSANDRINI, Cristina Dias. Oficina Criativa e Psicopedagogia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

BOJUNGA, Lygia. Feito à mão. Rio de Janeiro: Agir, 1999.

HYCNER, R. De Pessoa a Pessoa. São Paulo: Summus, 1995.

OAKLANDER, Violet. Descobrimo Crianças – UA Abordagem Gestáltica com Crianças e Adolescentes. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

SANTOS, Dilaina Paula. *A Arte de Construir Bonecos e de Contar a Própria História*. Em ALLESSANDRINI. C. D.(org.).Tramas criadoras na Construção do ‘Ser Si Mesmo’ (pp.109 a 131) São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.